
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE DILMA ROUSSEFF: DISCURSO DE DEFESA DO *IMPEACHMENT*

DILMA ROUSSEFF'S DISCURSIVE REPRESENTATIONS: IMPEACHMENT DEFENSE DISCOURSE

Albaniza Brigida de Oliveira Neta¹
Maria Eliete de Queiroz²

Resumo: Neste artigo, temos como temática estudar as representações discursivas de Dilma Rousseff. O objetivo é investigar como essas representações discursivas de si foram construídas no discurso de defesa do processo de *impeachment*, proferido por Dilma Rousseff, no Senado Federal, no dia 29 de Agosto de 2016. Os pressupostos teóricos estão amparados na Linguística de Texto, mais especificamente, na *Análise Textual dos Discursos*, sendo considerada uma corrente teórico-metodológica e descritiva proposta por Adam (2011) que analisa textos concretos produzidos em situações reais de comunicação, promovendo, assim, a produção co(n)textual de sentidos. O nível de análise é o semântico, focalizando a categoria da representação discursiva. Metodologicamente, esse estudo se configura como uma pesquisa qualitativa, documental e descritivo-interpretativista. O corpus é composto pelo discurso de defesa de Dilma Rousseff, coletado no site do Governo Federal. As categorias semânticas utilizadas para a construção das representações discursivas são a referenciação, a modificação (de referentes e predicções), a predicção, a localização espacial e temporal e a relação. Na análise, foram recortados fragmentos do discurso em que a imagem do locutor aparece identificada. Os resultados apontam que as representações discursivas de Dilma Rousseff são de torturada, resistente, lutadora e jovem fazendo menção ao fato histórico que vivenciou no seu passado que foi a ditadura militar. As Representações discursivas da locutora como acusada injustamente e condenada se referem ao processo de *impeachment*. Concluímos que todas as representações discursivas apontam para a história de vida da locutora, remetendo a sua vida passada, presente e futura.

Palavras-chave: Representação discursiva; Discurso político de defesa; Dilma Rousseff.

Abstract: In this article, we have as theme to study Dilma Rousseff's discursive representations. The objective is to investigate how these discursive representations of herself were constructed in the defense speech in the *impeachment* process, spoken by Dilma Rousseff, in the Federal Senate, on August 29, 2016. The theoretical assumptions are supported by Text Linguistics, more specifically, in the *Textual Analysis of Discourses*, being considered a theoretical-methodological and descriptive framework proposed by Adam (2011) that analyzes concrete texts in real situations of communication, thus promoting the co (n) textual production of meanings. The level of analysis is semantics focusing on the category of discursive representation. Methodologically, this study is configured as a qualitative, documentary and descriptive-interpretative research. The corpus is composed by Dilma Rousseff's defense speech, collected on the Federal Government website. The semantic categories used for the construction of discursive representations are referencing, modification (of referents and predications), predication, spatial and temporal location and relationship. In the analysis, fragments of the speech were cut in which the image of the speaker appears identified. The results show that Dilma Rousseff's discursive representations are tortured, resistant, fighter and young, mentioning the historical fact that she lived in her past, which was the military dictatorship. The speaker's Discursive Representations as wrongly accused and convicted refer to the *impeachment* process. We conclude that all discursive representations point to the speaker's life history, referring to her past, present and future life.

Keywords: Discursive representations; Political speech of defense; Dilma Rousseff.

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, Brasil. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-3019-0111>>, e-mail: albaniza.20@hotmail.com

² Docente do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Pau dos Ferros, Brasil. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-2369-6093>>, e-mail: eliete_queiroz@yahoo.com.br

1 Introdução

Em Brasília, no dia 29 de Agosto de 2016, no Senado Federal, Dilma Rousseff proferiu seu discurso de defesa, na sessão de julgamento, por ocasião do processo de *impeachment*, aberto contra ela por crime de responsabilidade. O objetivo deste trabalho é analisar como se deu a construção das representações discursivas de si no discurso. Os fundamentos teóricos encontram respaldo na Análise Textual dos Discursos, doravante, (ATD), abordagem teórico-metodológica proposta por Adam (2011) que estuda os textos concretos produzidos em situações reais de comunicação, gerando, assim, a produção co(n)textual de sentidos. A ATD está situada no campo teórico da Linguística de Texto, cujo foco recai sobre a análise de textos concretos. O nível de análise textual é o das representações discursivas (Rds) que pertencem ao campo semântico.

As Rds são imagens construídas de si (locutor), do outro (alocutário) e do tema tratado ao que se refere ao texto. As categorias analíticas que foram utilizadas na construção das Rds são: a referenciação, a modificação (de referentes e predicções), a predicção, a localização espacial e temporal e a relação. O *corpus* é constituído pelo discurso de defesa de Dilma Rousseff, proferido no Senado Federal, em razão do *impeachment*.

A escolha desse *corpus* se deu em virtude da relevância social, política e histórica do processo de *impeachment*, uma vez que, no cenário do Brasil, Dilma Rousseff foi a primeira mulher eleita como Presidenta e destituída de seu cargo, de Chefe da nação. Em segundo lugar, justificamos a escolha enquanto cidadã brasileira e pesquisadoras³ dessa temática. Com relação às análises foram recortados fragmentos do discurso em que aparece identificada a imagem de Dilma Rousseff.

A seguir, teceremos algumas considerações metodológicas e teóricas para a análise semântica da representação discursiva.

2 Metodologia

A presente pesquisa está fundamentada nos pressupostos teóricos da ATD corrente teórico-metodológica proposta por Adam (2011). Apresenta uma abordagem qualitativa. Ludke e André (1986, p. 21-22) afirmam que “o estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a

³ Ver, por exemplo, também outros trabalhos de/com nossa orientadora do mestrado (QUEIROZ; ALMEIDA, 2016; QUEIROZ, NETA, 2017).

realidade de forma complexa e contextualizada”. Assim sendo, a análise qualitativa ocorre em uma situação de naturalidade, com base em textos/discursos produzidos sempre tendo um plano de texto que se adequa a situação comunicativa e, no nosso caso, o plano de texto é o ocasional, pois não segue uma estrutura rígida.

O objeto investigado é o discurso de defesa que se sucedeu em uma situação natural, na sessão de julgamento do processo de *impeachment*, acontecimento resultante da acusação de crime de responsabilidade contra Dilma Rousseff. Essa pesquisa se caracteriza como documental, uma vez que trabalhamos com documentos públicos. Uma pesquisa documental se configura como tal porque objetiva analisar documentos dos mais variados gêneros, como jurídicos, religiosos, discursivos, políticos e jornalísticos. Lakatos e Marconi (2002), com relação à pesquisa documental, afirmam que ela é restrita a documentos escritos, sendo denominados de fontes primárias. Isso ocorre porque os documentos primários correspondem a documentos de arquivos públicos e que não foram submetidos à cientificidade.

Essa pesquisa obedece ao paradigma descritivo e interpretativista, visto que são descritos os enunciados em que aparece a construção das representações discursivas encontradas nos fragmentos selecionados e, em seguida, são interpretados e analisados com base nas categorias e nos pressupostos da ATD.

Sobre o método de pesquisa, enveredamos pelos métodos dedutivo e indutivo. Lakatos e Marconi (2003, p. 86) dizem que “a indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas”.

A nossa pesquisa segue o método dedutivo porque analisa dados particulares que foram extraídos de um *corpus* com relação aos aspectos textuais e discursivos, objetivando comprovar os pressupostos teóricos da ATD por meio das categorias semânticas elaboradas para esse fim.

3 Fundamentação teórica

Esta seção do trabalho é composta pelas subseções: ATD: uma produção co(n)textual de sentidos; Representações discursivas: o nível semântico do texto e as categorias analíticas; mostrando, assim, a base teórica conceitual que ampara o trabalho, bem como as categorias que norteiam as análises.

3.1 ATD: uma produção co(n)textual de sentidos

A ATD é uma abordagem teórica, metodológica e descritiva proposta por Adam (2011), que articula a Linguística de Texto (LT) e a Análise do Discurso (AD). O seu objeto de estudo são os textos concretos formulados em situações reais de comunicação, visando, assim, a produção co(n)textual de sentidos. O seu quadro teórico assume decididamente a articulação entre texto e discurso no campo dos estudos linguísticos (BERNARDINO, 2015).

A ATD propõe uma análise, ao mesmo tempo, linguística e discursiva, seja qual for o tipo de discurso: político, religioso, pedagógico ou jurídico. Adam (2011, p. 43) postula que “desde seu surgimento, nos anos 1950, a análise do discurso e a linguística textual desenvolveram-se de modo autônomo”. Em outras palavras, as duas disciplinas apareceram ao mesmo tempo de forma independente. Desse modo, a AD e a LT perfazem, cada uma, seus percursos sozinhas, com suas perspectivas e seus objetos de estudos.

Queiroz (2013) afirma:

[...] podemos interpretar que a ATD tem a sua origem na LT, mas que a sua perspectiva teórico-metodológica se enquadra na área da Análise do Discurso. Nesse sentido, ocorre a interface entre a Linguística do Texto e a Análise do Discurso, que constituem a ATD como articuladora do campo textual e do campo discursivo, intermediada pelos gêneros textuais. (QUEIROZ, 2013, p. 22-23).

Conforme exposto, a ATD tem a sua origem na LT, mas sua teoria e a sua metodologia possuem respaldo na AD. Assim, podemos dizer que a ATD promove uma articulação dos campos textuais e discursivos. Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) afirmam que:

O texto é certamente um objeto empírico tão complexo que sua descrição poderia justificar o recurso a diferentes teorias, mas é de uma teoria desse objeto e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral que temos necessidade, para dar aos empréstimos eventuais de conceitos das diferentes ciências da linguagem, um novo quadro e uma indispensável coerência. (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 263).

O texto é um objeto empírico, sua descrição e estudo podem ser aplicados em diferentes teorias e que pode ser conceituado nas ciências linguísticas, objetivando uma coerência. No esquema 4, apresentado a seguir, Adam (2011) avalia oito níveis de análise que pertencem ao campo da ATD, incluindo categorias do texto e do discurso. Cinco dessas

categorias fazem parte do nível do texto e as outras três pertencem ao nível do discurso. Vejamos a Figura 01.

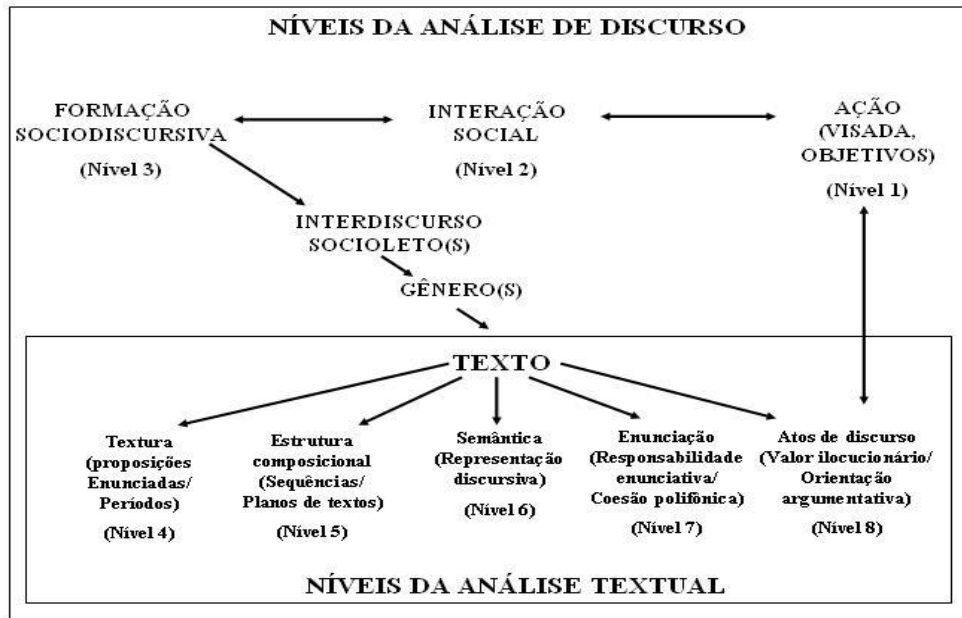


Figura 01 – Esquema 4 – Níveis ou planos de discurso
Fonte: Adam (2011, p. 61).

No esquema acima, temos os níveis de análise da ATD, a saber: os níveis do discurso (N1, N2, N3) e os níveis do texto (N4, N5, N6, N7, N8). Assim, o Nível 1 (N1), que é ação visada, corresponde aos objetivos do ato discursivo: justificar, esclarecer, informar, renunciar. O Nível 2 (N2) é responsável pela interação social que há entre os participantes do discurso. O Nível 3 (N3) corresponde às formações sociodiscursivas que ocorrem através do interdiscurso e do socioleto. O interdiscurso é a remissão de um discurso presente em outro; o socioleto é a variante de fala dos sujeitos e se concretiza em um gênero textual.

Há 05 níveis de análise do texto, começando pelo Nível 4 (N4), que é o plano da textura, compreendendo as proposições como unidade mínima de análise (uma simples palavra, frase ou texto). Os períodos correspondem às ligações que há entre as proposições. O Nível 5 (N5) é composto pela estrutura composicional, que é dividida em sequências e planos de textos. O Nível 6 (N6) corresponde a dimensão semântica do texto, no qual se insere a Rd, entendida como a imagem que se constrói de si, do outro (alocutário) e dos temas tratados.

O Nível 7 (N7) diz respeito ao plano enunciativo, correspondendo à polifonia textual, ou seja, às várias vozes que existem em um texto. Por fim, o Nível 8 (N8), que é o argumentativo, se refere aos atos de discursos realizados pelo texto para a sua orientação

argumentativa do texto. Enfatizamos, a seguir, a pertinência do Esquema 10 proposto por Adam (2011).



Figura 02 – Esquema 10: Estrutura sequencial-composicional do texto.

Fonte: Passeggi et al. (2010, p. 298).

Podemos, então, dizer que a estrutura sequencial-composicional se subdivide em planos de textos e sequências. Assim, os planos de textos estão divididos, segundo Passeggi *et al.* (2010, p. 297, grifos do autor), em “planos de textos *fixos*, isto é, estabilizados pelo estado histórico de um gênero ou subgênero de discurso e os planos de textos *ocasionais*”.

Podemos observar que os planos de textos fixos são regidos pela história e estabilizados, podendo não se modificar. Diferente dos planos fixos, os ocasionais são mais flexíveis. Seguindo essa linha de raciocínio, vejamos a conceituação de plano de texto fixo exposta pelos autores:

Quanto aos planos de texto fixos, pense-se, por exemplo, na estrutura de um verbete de dicionário, de um artigo científico, das estruturas literárias cristalizadas (estruturas formais da poesia, da dramaturgia) ou, na escritura jurídica, as estruturas da série: petição>contestação>sentença. Os gêneros acadêmicos também pertencem, de forma geral, aos planos de textos fixos. (PASSEGGI et al. 2010, p. 297)

Pelo exposto, podemos depreender que o plano de texto fixo corresponde a modelos cristalizados em suas estruturas composicionais e que não são passíveis de modificação de acordo com o surgimento de novos gêneros discursivos, como, por exemplo, a estrutura de

um verbete em dicionário ou de um artigo científico. Assim, essas estruturas composicionais do plano de texto são bem consolidadas. Continuando a discussão sobre o assunto, Passeggi et al. (2010, p. 297) definem:

Os planos de texto ocasionais são mais abertos e flexíveis. [...] abrangem o editorial, a canção, as peças publicitárias, o discurso político, o romance. Esses planos, com frequência, fogem à estruturação clara de um gênero ou subgênero de discurso. As partes ou segmentos do texto são marcados por uma variedade de recursos, textuais e peritextuais. (PASSEGGI et al. 2010, p. 297).

De acordo com os autores, os planos de textos ocasionais são abertos e flexíveis e, por isso, estão sujeitos a mudanças. Um dos principais aspectos que os caracterizam é que eles não seguem claramente a estrutura fixa como, por exemplo, a de um artigo científico. Então, as partes textuais pertencentes a esse tipo de plano de texto são assinaladas por recursos peritextuais. São exemplo de planos de textos ocasionais o editorial, a canção e o discurso político.

Podemos dizer que, na estrutura de um determinado texto, existem, de acordo com o esquema acima apresentado, as sequências textuais que são divididas em uma série de sequências, classificadas como homogêneas e heterogêneas e, também, pelas dominantes, representadas aqui pelos tipos de textos.

Assim, as sequências textuais homogêneas se caracterizam em sua composição pela presença unicamente de períodos, como, por exemplo, só descritivos. Diferentemente das sequências heterogêneas, segundo Queiroz (2013, p. 32) elas se combinam entre si, sendo o tipo mais frequente de organização textual, de forma mesclada, nas quais teremos sequências descritivas e narrativas em uma mesma ordem, por exemplo. No que concerne, por fim, às sequências dominantes, evidenciamos que elas são as que prevalecem em um determinado texto, podendo, assim, também ocorrer a presença de outras sequências.

A próxima seção abordará o conceito de representação discursiva, que é de suma importância para a compreensão do *corpus* que está sendo analisado.

3.2 Representações discursivas: o nível semântico do texto

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 173) afirmam que “com relação ao texto e ao conceito de representação discursiva, todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos

temas ou assuntos tratados”. De acordo com os autores, a compreensão do conceito de texto está intimamente ligada com a representação discursiva, uma vez que é a partir do texto que são reveladas as Rds de locutor, do alocutário e do tema. Seguindo esse pensamento, Queiroz (2013) nos assinala:

[...] o texto enquanto uma representação semântica que, para adquirir esse *status*, une três elementos importantes: o produtor/locutor dos discursos, o conteúdo temático, que percorre um caminho isotópico de construção de sentido e, por último, o alocutário, já que a sua produção se dá em um contexto real de uso da linguagem, no processo de troca, compreensão, interpretação e de compartilhamento de uma ação linguageira. (QUEIROZ, 2013, p.49).

A autora afirma que o texto é visto como uma Rd que estabelece um *status*, necessitando de três elementos na sua análise, a saber: o produtor, o tema tratado e o alocutário. O locutor e o tema tratado desempenham o papel de caminharem juntos na construção de sentidos que conferem aos textos compreensão. O alocutário evidencia a interpretação e a compreensão textual, visando o compartilhamento de informações durante o processo da ação linguageira.

Nesse ínterim, Adam (2011) aponta que:

a construção de uma representação discursiva, pretende-se dar a entender que a linguagem faz referência e que todo texto é uma proposição de mundo que solicita do interpretante (auditor ou locutor) uma atividade semelhante, mas não simétrica, de (re) construção dessa proposição de (pequeno) mundo ou Rd. (ADAM, 2011, p 114).

Desse modo, podemos verificar, nas palavras do autor, que em qualquer texto produzido em uma situação sociocomunicativa a linguagem é coadjuvante, porque faz remissão a um mundo, seja ele social ou psicossocial, já que solicita um interlocutor no processo de interpretação textual. Segundo Adam (2011), a proposição-enunciada é descritiva por natureza, ou seja, na atividade de descrição, o texto vai sendo representado semanticamente. Logo, a proposição-enunciada se apresenta como um objeto do discurso posto. Assim, na análise, ela pode se reduzir a um sintagma verbal ou nominal e, ainda, a um adjetivo. Nesse viés, Queiroz (2013) afirma que a

[...] representação discursiva se constrói e é construída a partir de um enunciado mínimo proposicional, composto de sintagma nominal e de um

sintagma verbal, até um grande bloco de microunidades representacionais, formado por períodos, parágrafos e sequências. (QUEIROZ, 2013, p. 49).

Compreendemos que, na construção das Rds, pode-se reduzir de um enunciado mínimo a uma sequência textual complexa, ou seja, não importa o tamanho da unidade textual e sim o valor semântico que ela traz consigo. A representação discursiva é classificada em três, a saber:

1. A representação discursiva de si, do locutor.
2. A representação discursiva do leitor ou ouvinte, do alocutário.
3. A representação discursiva do tema ou assunto tratado.

3.3 Categorias analíticas

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) conceituam cinco categorias que são responsáveis por construir as representações discursivas, são elas:

1. A **referência/referenciação** é aquilo que designamos, representamos e sugerimos em uma situação discursiva referencial.
2. A **predicação** (verbal) remete tanto à operação de seleção dos predicados, isto é, à designação dos processos, no sentido amplo (ações, estados, mudanças de estado).
3. A **modificação** refere-se às características ou propriedades tanto dos referentes como das predicções, ou seja, qualifica as ações verbais.
4. A **localização** corresponde aos tempos espaço-temporais em que ocorrem as ações nas quais os participantes estão inseridos.
5. A **relação** é responsável pela ligação que há entre um enunciado anterior e um posterior.

Na seção a seguir, apresentaremos as análises das Rds de Dilma Rousseff em fragmentos do discurso de defesa proferido no Senado Federal, em Brasília.

4 Análise

A análise focaliza as representações discursivas por meio das categorias semânticas da referenciação e seus modificadores, da predicação e seus modificadores, da localização espacial e temporal e da relação. Serão dispostos três quadros nomeados de acordo com as representações discursivas encontradas, em suas respectivas análises.

Fragmento 1 - Rd de torturada

(L21-24) Entre os meus defeitos, não está a deslealdade e a covardia. Não traio os compromissos que assumo, os princípios que defendo ou os que lutam ao meu lado. **Na luta contra a ditadura, recebi no meu corpo as marcas da tortura. Amarguei por anos o sofrimento da prisão. Vi companheiros e companheiras sendo violentados e até assassinados.**

(L383-386) **Daquela época, além das marcas dolorosas da tortura, ficou o registro, em uma foto, da minha presença diante de meus algozes, num momento em que eu os olhava de cabeça erguida enquanto eles escondiam os rostos, com medo de serem reconhecidos e julgados pela história.**

A Rd de Dilma Rousseff como torturada é construída por meio das categorias da predicação, da relação e da localização espacial e temporal. Na proposição-enunciada “Na luta contra a ditadura, recebi no meu corpo as marcas da tortura”, destaca-se a Rd de torturada, evidenciada pelos localizadores “na luta contra a ditadura”, “no meu corpo”, indicando a luta enfrentada no período da ditadura militar, momento difícil para os defensores de um país mais justo, em busca de democracia e liberdade, entre os quais se coloca a locutora.

No uso da predicação, destacamos o verbo “recebi”, na voz ativa, que aponta a locutora como paciente de ações militares. Durante o seu discurso de defesa, quando a presidenta afirmou “Amarguei por anos o sofrimento da prisão”, o verbo da predicação “amarguei” apresenta a dureza da repressão, da violência que sofreu, tanto fisicamente quanto psicologicamente, durante a tortura.

As localizações temporais “por anos” e “daquela época”, além “das marcas dolorosas da tortura”, são utilizadas como recursos semântico-discursivos importantes que demandavam o tempo decorrido do sofrimento passado, durante o período específico que marcou a tortura no país, o da ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1985, fato que ocorreu em uma determinada época de sua vida.

No locativo “o sofrimento da prisão” há a presença do localizador espacial “da prisão”, indicando o espaço físico onde a locutora narra o momento de tortura. Designa o espaço de sofrimento de Dilma Rousseff, quando foi presa em 1970.

Quando a locutora destaca na proposição-enunciada a ação de ver *in loco* “Vi companheiros e companheiras sendo violentados e até assassinados”, ela é torturada

duplamente, como paciente e como testemunha ocular de sofrimento de seus colegas quando estavam presos na cadeia. Ao estabelecer relação argumentativa “e até”, expressa a tortura física e psicológica como expectadora da violência e morte de seus companheiros. O uso dessa expressão conectiva estabelece a unidade de sentido do texto e mantém o eixo temático da tortura do período militar.

Na proposição-enunciada “da minha presença diante de meus algozes, num momento em que eu os olhava de cabeça erguida” e com os localizadores “diante de” e o temporal “num momento”, a torturada reage com coragem diante dos castigos físicos e da morte. O texto mostra que a presidenta manteve a “cabeça erguida” diante da situação complexa que vivenciou na época da ditadura. Assim, interpretamos que, na situação discursiva em que se encontrava, ela faz remissão a esses acontecimentos históricos de seu passado para demonstrar que não se calou e nem se cala diante das situações adversas. A mesma reação do momento passado entra em interação com o momento vivido no processo de *impeachment*. Em ambas as situações, o mesmo sujeito discursivo se diz torturado, violentado e cassado em seus direitos.

A seguir, as representações de jovem, resistente, acusada injustamente e condenada.

Fragmento 2 - Rds jovem, resistente, acusada injustamente e condenada

(L25-29) **Na época, eu era muito jovem.** Tinha muito a esperar da vida. Tinha medo da morte, das sequelas da tortura no meu corpo e na minha alma. **Mas não cedi. Resisti. Resisti à tempestade de terror que começava a me engolir, na escuridão dos tempos amargos em que o país vivia.** Não mudei de lado. **Apesar de receber o peso da injustiça nos meus ombros, continuei lutando pela democracia.**

(L38-42) **Tenho sido intransigente na defesa da honestidade na gestão da coisa pública.** Por isso, diante das acusações que contra mim são dirigidas neste processo, não posso deixar de sentir na boca, novamente, o gosto áspero e amargo da injustiça e do arbítrio. **E por isso, como no passado, resisto.**

(L49-51) **E resistir. Resistir sempre. Resistir para acordar as consciências ainda adormecidas para que, juntos, finquemos o pé no terreno que está do lado certo da história, mesmo que o chão trema e ameace de novo nos engolir.**

(L63-65) [...] **Venho para olhar diretamente nos olhos de vossas excelências e dizer, com a serenidade dos que nada têm a esconder, que não cometi nenhum crime de responsabilidade. Não cometi os crimes dos quais sou acusada injusta e**

arbitrariamente.

(L391-397) Apesar das diferenças, sofro de novo com o sentimento de injustiça e o receio de que, mais uma vez, a democracia seja condenada junto comigo. E não tenho dúvida que, também desta vez, todos nós seremos julgados pela história.

Por duas vezes vi de perto a face da morte: quando fui torturada por dias seguidos, submetida a sevícias que nos fazem duvidar da humanidade e do próprio sentido da vida; e quando uma doença grave e extremamente dolorosa poderia ter abreviado minha existência.

A Rd de Dilma Rousseff jovem é destacada pelo referente “muito jovem”, em “Na época, eu era muito jovem”. A localização temporal “Na época” faz menção ao acontecimento histórico da ditadura militar no Brasil, no ano de 1964. Com seu posicionamento forte, naquela situação discursiva, faz alusão, ainda, ao tempo da ditadura, em que evidencia o contraponto passado e presente. Este contraponto é utilizado pela locutora para situar que, desde jovem até o momento presente, a sua história de vida é marcada por fatos que ilustraram a sua capacidade de se defender das injustiças praticadas contra ela pelo sistema político vigente em cada momento, e isso em decorrência de suas posturas políticas e pelo dever de defender o país, na luta, desde jovem, por uma sociedade sem injustiças.

A relação adversa em “Mas não cedi” revela que a presidenta, mesmo sabendo das consequências da ditadura militar para consigo (tortura física e psicológica), decidiu seguir em frente. O modificador negativo demonstra que não aceitou desistir de lutar no período militar e serve para ilustrar que, no momento que se defende do *impeachment*, também não desistirá. Assim, interpretamos que, no seu discurso de defesa, a chefe de Estado fez uso de sua história de vida passada, para desvelar, diante de seus alocutários, que tinha a capacidade de enfrentar o que vinha pela frente, mesmo sendo julgamento sem provas.

Quando faz uso da recorrência verbal na proposição-enunciada “Resisti. Resisti à tempestade de terror que começava a me engolir, na escuridão dos tempos amargos em que o país vivia”, a mulher jovem é representada discursivamente como uma mulher resistente em duas épocas: i) quando muito jovem já resistia às opressões daquele tempo e ii) hoje, amadurecida, ainda resiste a elas. A repetição desses verbos no seu discurso de defesa reforça a importância de apresentar a sua história de vida de antes, agora e depois.

Em “na escuridão dos tempos amargos em que o país vivia” existe um localizador de tempo, “na escuridão”, e um espaço específico, “o país”. O primeiro caso remete aos momentos de dificuldades e resistência da época da ditadura militar, enfrentada pela

presidenta, em que não se via melhorar a situação. A locutora fez uso do termo “na escuridão” em sentido figurado, metafórico, para comparar o que estava vivendo. O segundo caso indica o espaço geral de acontecimento histórico e político-social, que foi no Brasil. Dilma Rousseff, representada discursivamente como uma mulher injustiçada, é perceptível nos fragmentos “Apesar de receber o peso da injustiça nos meus ombros, continuei lutando pela democracia”.

Por meio do conjunto dos verbos “receber” e “continuei lutando”, fez remissão, mais uma vez, ao período crítico da história brasileira, porque temia que isso pudesse voltar a acontecer com a sua destituição da Presidência da República.

Na proposição-enunciada “Tenho sido intransigente na defesa da honestidade na gestão da coisa pública”, a representação de intransigente modifica a locutora com o sentido de agir positivamente em defesa de si e do público em geral, em função de seu governo. Por isso, ser resistente, em seu discurso (“E por isso, como no passado, resisto”), por meio do verbo “resisto”, é uma forma de resistir, também, ao momento presente do julgamento.

Em todo o texto, podemos verificar que Dilma Rousseff fala em resistência, enfatizando que sempre foi e será uma mulher que não tem medo das circunstâncias que a vida possa lhe apresentar. Ela cita exemplos de sua vida, do que enfrentou durante a ditadura militar e de um câncer. A recorrência ao uso do verbo “resistir” é persistente em sua história: “E resistir. Resistir sempre. Resistir para acordar as consciências ainda adormecidas para que, juntos, finquemos o pé no terreno que está do lado certo da história, mesmo que o chão trema e ameace de novo nos engolir”. O resistir significa que a sua destituição do cargo não foi escolha consciente da população, mas sim, uma trama da oposição com a ajuda da influência midiática.

Ressaltamos que a repetição do uso verbal demonstra a forma de se defender e de apresentar para seus alocutários a sua capacidade de aguentar firme as intempéries da vida, mostrando, assim, o papel de protagonista de seu discurso. Para isso, aponta a construção de seu caminho de vida e que precisa do outro para comprovar a sua inocência, por meio de um ato enunciativo que envolve o locutor (Dilma Rousseff) e os seus alocutários (Senado Federal), como nos propôs Adam (2011).

Na proposição-enunciada “Venho para olhar diretamente nos olhos de vossas excelências e dizer, com a serenidade dos que nada têm a esconder, que não cometi nenhum crime de responsabilidade”. Em “Venho olhar”, “dizer”, “esconder” e “cometi” temos um conjunto de ações que expressam atitude e desejo da locutora de enfrentar e convencer as forças maiores de que não cometeu crime nenhum de responsabilidade.

O uso dos elementos discursivos em destaque revela a mulher resistente em busca do bem comum do povo brasileiro: “sou acusada injusta e arbitrariamente”. Os modificadores “injusta” e “arbitrariamente” denotam a resistência da locutora em relação às ações dos seus adversários. Ao mesmo tempo complementa: “sofro de novo com o sentimento de injustiça”. O sujeito discursivo foi paciente de ações de outros no seu passado e, agora, é de novo no presente, por causa do *impeachment*.

Diante desse contexto de julgamento, Dilma Rousseff antecipa a sua condenação e, em consequência, a condenação da democracia: “a democracia seja condenada junto comigo”. A Rd de condenada foi expressa pela relação predicativa da proposição.

Na continuidade de seu discurso, ela se constrói semanticamente como julgada, estabelecendo a mesma relação predicativa de condenada: “seremos julgados pela história”. A construção desses elementos gramaticais e discursivos denota o sentido que Dilma Rousseff atribui a esse processo de *impeachment*: um processo que julga e condena sem prova. Assim, interpretamos que, ao se incluir e incluir o povo em “seremos julgados”, a locutora estabelece uma interação social entre ela e os brasileiros, correspondendo, assim, ao Nível 2 (N2) do esquema 04 proposto por Adam (2011).

Observemos o conjunto de fragmentos a seguir:

Fragmento 3 - Rd dedicada, lutadora, orgulhosa, mãe e avó

(L30-36) Dediquei todos esses anos da minha vida à luta por uma sociedade sem ódios e intolerância. Lutei por uma sociedade livre de preconceitos e de discriminações. Lutei por uma sociedade onde não houvesse miséria ou excluídos. Lutei por um Brasil soberano, mais igual e onde houvesse justiça.

Disso tenho orgulho. Quem acredita luta. Aos quase 70 anos de idade, não seria agora, após ser mãe e avó, que abdicaria dos princípios que sempre me guiaram.

(L52-54) Não luto pelo meu mandato por vaidade ou por apego ao poder, como é próprio dos que não têm caráter, princípios ou utopias a conquistar.

Luto pela democracia, pela verdade e pela justiça. Luto pelo povo do meu país, pelo seu bem-estar.

As Rds de Dilma Rousseff dedicada, lutadora, orgulhosa, mãe e avó foram construídas mediante a predicação, a referenciação, a localização espacial e temporal, os modificadores da predicação e da referenciação.

Assim, no conjunto de predicacões, destacamos em “Dediquei todos esses anos da minha vida à luta por uma sociedade sem ódios e intolerância” a Rd de mulher dedicada. Esta se sobressai porque remete à sua história de vida política e de presidenta em busca da luta por justiça e em busca de uma sociedade melhor, sem preconceitos, sem ódio e sem intolerância. Assim, os elementos linguísticos e discursivos, por meio do verbo “dediquei” e do locativo de tempo “esses anos”, nos mostram a imagem que a locutora constrói de si ao longo do percurso de sua vida política. Cada palavra, frase, período e sequência textual vão tecendo o discurso de forma complexa, visando a uma ligação semântica em que os sentidos vão construindo o todo do texto.

Na mesma direção, observamos o uso recorrente do verbo “lutar”, tanto se referindo ao passado quanto se referindo ao presente. Colabora com a construção da Rd de lutadora, que é perceptível em três ocorrências de um conjunto de predicacões: “lutei”, “Lutei por uma sociedade livre de preconceitos e de discriminações”, “Lutei por uma sociedade onde não houvesse miséria ou excluídos”, “Lutei por um Brasil soberano, mais igual e onde houvesse justiça”. No discurso, os papéis de lutadora e de dedicada se entrelaçam. Nesse cenário, dizemos que a afirmação “lutei” permanece forte em toda a história da locutora, destacando, nesse contexto, a luta da presidenta durante o período de seu primeiro mandato, de 2011 até 2014. O localizador espacial “um Brasil soberano” situava o lugar dos sonhos, em que se pudessem ver e ter os resultados das lutas da presidenta, favorecendo a construção de sua identidade de mulher que luta por um Brasil livre de injustiça social.

Desse modo, há demonstração de atos de luta em favor de ajudar o povo de seu país, principalmente os mais pobres. A presidenta apresentou, em seu discurso de defesa, argumentos contundentes para demonstrar a sua capacidade de governar a nação brasileira e transformar a vida dos sujeitos, mostrando, assim, como afirma Adam (2011), o poder que existe no valor ilocucionário, ou seja, na argumentação que foi sendo tecida ao longo do discurso.

A presidenta também lutou por um país igualitário, onde houvesse justiça social para todos os cidadãos: “Luto pela democracia, pela verdade e pela justiça. Luto pelo povo do meu país, pelo seu bem-estar”. Citamos como parte dessa luta, por exemplo, o acesso de milhões de jovens nas universidades com a criação e a manutenção de vários programas, como: o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU). Com o espírito de luta, a locutora diz no enunciado “Disso tenho orgulho”. A Rd de presidenta orgulhosa se junta à de

lutadora e dedicada, formando uma cadeia de representações que se conectam em função de suas ações, em razão de suas lutas e benefícios conquistados para a sociedade brasileira.

Outros trechos nos mostram a Rd de lutadora: “Não luto pelo meu mandato por vaidade ou por apego ao poder”, “Luto pela democracia” e “Luto pelo povo do meu país”. A firmeza do discurso está expressa no conjunto dos verbos: “luto”, “luto”. A sequência dos três verbos finais no presente do indicativo reforça essa ação como sendo um processo habitual do passado que continua no presente. A sequência do mesmo verbo no passado “lutei”, “lutei”, “lutei” significa, no contexto da sessão de julgamento, uma ação de positividade no sentido de lutar, incansavelmente, pelos direitos de todos. Demarca a sua voz em um espaço discursivo específico em que estava inserida no momento de sua defesa. O uso dos recursos linguístico-discursivos faz a progressão textual expandir e construir sentidos.

Nessa progressão, percebemos a relação verbal entre “resistir e lutar”, que reforça a sua resistência e luta para evitar a concretização do processo de *impeachment*. Acreditamos, também, que esses elementos verbais foram utilizados como uma forma de convencer os alocutários de sua inocência, uma vez que foram os seus julgadores.

Acreditamos que os verbos “resistir” e “lutar”, no contexto do *impeachment*, representam a história do passado que remete à sua história de vida no momento presente. Desse modo, a presidenta partilhou as suas compreensões e convicções baseadas nos conhecimentos enciclopédicos de que os seus julgadores possuíam sobre ela, do conhecimento da sua resistência e da sua luta em toda a vida política e pessoal, considerando a publicidade de sua história.

Em “aos 70 anos de idade”, temos um localizador de tempo que diz muito do percurso de vida narrado pela presidenta, reforçando as Rds construídas de si em seu discurso. Outro localizador temporal que ajudou na construção da Rd foi “agora” e “sempre”, remetendo ao presente e ao passado, no sentido de que a presidenta nunca abriu mão de seus preceitos éticos, o que a fez se tornar dedicada, lutadora e orgulhosa de sua vida pública.

A Rd de Dilma Rousseff por meio dos referentes “mãe” e “avó”, em “não seria agora, após ser mãe e avó, que abdicaria dos princípios que sempre me guiaram”, justifica as imagens de dedicada, lutadora e orgulhosa do papel que sempre desempenhou como cidadã brasileira. Papel que se materializa em se tornar “mãe” e, agora, “avó”; dois campos semânticos que preservam a defesa da moralidade e do amor ao outro, criando uma entidade discursiva maior de afetividade.

5 Conclusão

Este artigo apresentou uma análise das Rds no discurso de defesa de Dilma Rousseff proferido no Senado Federal, no dia 29 de Agosto de 2016, na sessão de julgamento do processo de *impeachment*. Com relação aos pressupostos teóricos e metodológicos, seguimos a Análise Textual dos Discursos, com foco no nível textual semântico, mais especificamente, as representações discursivas. O *corpus* foi coletado no *site* do Governo Federal e analisado à luz das categorias semânticas da referenciação, da predicação, da modificação, da localização espacial e temporal e da relação. Para construção dessas categorias, trouxemos Adam (2011), Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) e Queiroz (2013).

Os resultados das análises revelaram que a Rd de Dilma Rousseff torturada faz menção ao período da ditadura militar no Brasil. A locutora reage com a mesma indignação, comparando o momento de tortura na ditadura militar com o seu julgamento do processo de *impeachment*; nas duas situações, o sujeito discursivo se diz torturado, violentado e injustiçado.

As Rds de jovem, resistente, acusada e condenada remetem à história de vida de Dilma Rousseff, contrapondo fatos históricos e pessoais, por meio dos quais, ela se tornou resistente; por exemplo, quando muito jovem sofreu os castigos físicos e psicológicos da ditadura militar, em 1964. Além disso, no ano de 2009, lutou contra um câncer linfático e, em 2016, foi julgada e condenada em um processo de *impeachment*, sendo paciente de ações contra si, no passado e no presente.

O conjunto de representações remete à história de vida política da locutora que sempre foi dedicada às causas sociais e em benefício dos menos favorecidos. Ela dedicou a sua luta política à criação de programas sociais, cujo objetivo foi à inserção de milhares de jovens nas universidades, porque entendia que a educação era a solução para a resolução de problemas sociais.

Referências

ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução: RODRIGUES, M. das G. S.; SILVA NETO, J. G.; PASSEGGI, L.; LEURQUIN, E. V. L. F. São Paulo: Cortez, 2011.

BERNARDINO, R. A. S. **A responsabilidade enunciativa em artigos científicos publicados em periódicos da área de Letras**. 2015. 286f. Tese (Doutorado em Estudos da

Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

PASSEGGI, L. *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, M. Q.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Linguística de texto e análise de conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEIROZ, M. E. de; NETA, A. B. de O. Análise Textual Discursiva: representações discursivas de Dilma Rousseff em um discurso político. In: COLÓQUIO NACIONAL DE LINGUAGEM E DISCURSO, 4, 2017, Mossoró. **Anais...** Mossoró: Edições UERN, 2017.

QUEIROZ, M. E. de; ALMEIDA, W. M. Povo brasileiro: representações discursivas no discurso da presidenta Dilma Rousseff. **Diálogo das Letras**, v. 05, p. 82-96, 2016.

QUEIROZ, M. E. **Representações discursivas no discurso político. “Não me fiz sigla e legenda por acaso”**: o discurso de renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (30/05/2001). 2013. 188f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2013.

RODRIGUES, M.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G (orgs.). “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, Jean-Michel.; HEIDEMANN, Ute. MAIGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 151-208.

ROUSSEFF, D. V. **Discurso de defesa de Dilma Rousseff no Senado - Brasília/DF**. Disponível em: < <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/08/29/veja-a-integra-do-discurso-de-defesa-de-dilma-no-senado>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Data de recebimento: 31 de maio de 2019.

Data de aceite: 20 de agosto de 2019.